

Contribuições do pensamento de bell hooks para pensar educação, gênero e relações étnico-raciais

Fernanda Priscila Alves da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.100.12

RESUMO

A história de superação pessoal de bell hooks, por meio da teoria libertadora, tem apontado que, na educação quando a experiência de vida das pessoas está ligada à teorização, não existe separação entre teoria e prática. A autora teoriza sobre o processo crítico e reflexivo que pode levar a uma mudança, uma prática, uma cura da pessoa ou das coletividades, desde que tenha como finalidade a libertação. Este estudo pretende, portanto, discutir e refletir sobre as contribuições do pensamento de bell hooks para se pensar a educação como prática libertadora, gênero e as relações étnico raciais. As obras desta autora têm possibilitado pensar sobre estas questões a partir e considerando as experiências dos sujeitos históricos. Sua própria trajetória como feminista negra interseccional tem apontado e reivindicado a teoria dentro do ativismo (tanto na forma escrita, quanto na forma oral) e propõe a discussão pedagógica voltada para o movimento sociopolítico racial. bell hooks, ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredita que a construção da educação pode ser humanista, antirracista, anti-homofóbica, antissexista e capaz de reconhecer as vozes das pessoas, estimulando o senso crítico de si mesmos e da realidade em seu entorno e construam uma prática que liberte as minorias da opressão. Para tal, será necessário combater os métodos pedagógicos arcaicos e descentralização do conhecimento teórico que não reconhece essa aproximação da teoria e prática. O modo de produção de conhecimento formulado a partir do ambiente branco e elitista tem invisibilizado as outras fontes de conhecimento, assim como hierarquizado os saberes. Desse modo, seu pensamento nos permite (des) construir estas perspectivas e lançar novos olhares para outros modos, rostos, corpos de produção de conhecimento e de existências.

Palavras-chave: bell hooks. gênero. educação. relações étnico-raciais.

APRENDER A TRANSGREDIR COM BELL HOOKS

De acordo com a experiência de bell hooks, desde cedo o estudo em si é considerado um ato contra hegemônico, um modo de resistir a todas as estratégias de colonização racista. A educação na perspectiva desta autora deve ser uma prática de liberdade, um modo e um jeito de ensinar em que qualquer pessoa aprende. É uma pedagogia engajada, ou seja, alunos e professores são convocados a partilhar e se confessar.

No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks coloca em evidência duas questões importantes no campo da educação, de um lado a educação como prática da liberdade e de outro a educação que é construída para a dominação. Seu pensamento dialoga com o grande educador Paulo Freire e no propósito de construir uma educação para libertar, ou seja, uma educação que transforme a vida e realidade das pessoas. bell hooks aponta nesta obra sua própria experiência enquanto estudante, em um contexto de segregação racial, e também enquanto professora problematizando a supremacia branca. Esta última, em seu pensamento evoca um mundo político que todos nós podemos nos enquadrar e relacionar.

A educação construída no espaço escolar tem sido fundamentalmente uma educação repressora, ancorada em moldes tradicionais, e assim, bell hooks reivindica outro modo de construir esta educação. Por isso propõe que a educação como prática da liberdade deve promover uma educação antirracista e o ambiente da sala de aula deve estar pautado em uma aula feminista, ou seja, considerando as vozes das mulheres e dos diversos sujeitos que historicamente tem sido excluídos.

Dentre os desafios no campo da educação, recordado o seu estar no espaço acadêmico e sua atuação enquanto professora bell hooks enfatiza a questão do entusiasmo dos alunos neste lócus, rememorando seu próprio movimento e percepções na pós-graduação por exemplo, mas sobretudo trazendo para o debate o modo como os estudantes se entusiasmam ou resistem dentre do contexto da sala de aula. Algumas estratégias são fundamentais neste processo e dentre elas podemos destacar: a valorização dos estudantes e a importância de escutar as vozes destes estudantes. Assim como Paulo Freire, bell hooks considera que os estudantes devem ser valorizados e sobretudo deve-se reconhecer que estes têm seus próprios saberes e portanto, a sala de aula deve ser sobretudo um espaço de troca mútua.

A pedagogia crítica e a educação para a liberdade são as bases da obra e aponta a importância da educação como uma prática social humanista. No contexto brasileiro e mundial a educação tem sido considerada a partir da ótica do mercado e muitas vezes tem sido o espaço de desinformação. Considerável parte dos sistemas educacionais tem sido excludentes, preconceituosos promotores de dominação, neste sentido a autora recorda: “a sala de aula não é lugar para as estrelas, é um lugar de aprendizado” (HOOKS, ano, p. 216).

Ao investigar a sala de aula como fonte de constrangimento, bell hooks aponta que este também pode ser lugar e espaço de libertação. Seu argumento é de que professores têm utilizado muitas vezes do controle e poder sobre os alunos e assim os estudantes se sentem oprimidos. Nesta perspectiva que autora fala da pedagogia engajada como uma ferramenta importante de motivação e incentivo aos alunos a participar e ocupar este espaço educativo.

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado, que creem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos (HOOKS, 2013, p. 25)

Em toda a obra, bell hooks questiona as pedagogias existentes e na proposição da pedagogia engajada e comunitária enfatiza a pedagogia feminista como uma pedagogia alternativa. A pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão dos/as alunos/as. É preciso ouvir as experiências e saberes dos estudantes principalmente quando se trata de questões étnicas, pois muitas vezes as crianças negras não têm tido apoio dos professores e isto tem feito com que muitos estudantes desistam de estudar. Aos professores cabe um processo constante de auto atualização e busca por compreender e promover entre os estudantes uma educação para a liberdade.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado o modelo holístico de aprendizagem será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajarmos os alunos a correr riscos. (referência)

Este processo é denominado por bell hooks de “revolução de valores”, ou seja, para se criar uma academia culturalmente diversa é necessário um comprometimento por inteiro por parte de professores. É necessário abraçar a mudança e assim construir o ensino desde um mundo multicultural e diverso. Ainda que esta perspectiva esteja em voga contemporaneamente, bell hooks ressalta que são necessárias discussões práticas sobre o contexto da sala de aula e uma constante transformação dos modos de fazer a educação, estes podem sem dúvida, ser também

ao fazer o aprendizado experiências de inclusão. Ouvir as vozes do outro e seu som, escutar o outro é de fato, um exercício de reconhecimento, afirma bell hooks. É neste sentido, que a teoria neste locus pode ser um lugar de cura, ou seja, “quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática” (p. 59).

“O feminismo é pra todo mundo”: inquietações e provocações

O feminismo é para todo mundo é uma importante obra da escritora, teórica ativista, acadêmica e crítica cultural afronorte-americana bell hooks. Através de uma escrita simples e direta, a autora nos convida e incentiva a todas as pessoas a descobrir a importância do feminismo. Segundo ela, este pode ser uma forma de amor revolucionário que toca o mundo e melhorar a vida de todas as pessoas. As temáticas sobre masculinidade feminista, direitos reprodutivos, maternagem e paternagem feministas, espiritualidade feminista, raça e gênero, violência estão presentes na obra nos inquietando e mobilizando.

Ao tratar das políticas feministas na contemporaneidade bell hooks retoma o pensamento sobre o feminismo expresso em seu livro *Feminist Theory: From Margin to Center* e o entendimento de que o “feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. Recordar tal premissa é crucial quando nos propormos refletir e (re) pensar os feminismos na contemporaneidade, pois, sem dúvida, a construção do que temos denominado de feminismo deve estar pautada na luta por um mundo que rompa com toda forma de opressão, sexismo e exploração sexista.

O sentimento anti-homem esteve presente no pensamento de muitas feministas no início do feminismo, afirma a autora, de modo que de certa maneira essa raiva de injustiça foi o impulso para o fortalecimento do movimento de libertação. Este início do feminismo, marcadamente constituído pela presença de ativistas brancas foi tomando consciência da natureza da dominação masculina quando estas ativistas começam a ocupar e reivindicar outros espaços de trabalho. À medida que o feminismo contemporâneo foi progredindo as mulheres foram se dando conta de que também as mulheres, além dos homens, poderiam ter comportamentos sexistas.

A retomar estas questões, bell hooks reivindica e aponta que desde o início o movimento feminista foi polarizado. Aponta que a realidade das mulheres negras, por exemplo, estas ainda que fossem ativas no movimento, não “foram os indivíduos que se tornaram estrelas do movimento” (p.20). De um lado, as pensadoras reformistas enfatizaram a igualdade de gênero, e de outro, as pensadoras revolucionárias buscavam para além de modificar o sistema sexista existente, queriam transformar o sistema e acabar com o patriarcado.

Nos Estados Unidos, o feminismo não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente - as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa. Uma marca de sua condição de vítimas é que o fato de aceitarem sua sina na vida sem questionamento visível, sem protesto organizado, sem fúria ou raiva coletivas (HOOKS, 2015, p. 193).

O processo de conscientização e a constante mudança de opinião é tratado na obra de bell hooks apontando que o feminismo é um caminho que pode ser construído: “feministas são formadas, não nascem feministas” (HOOKS, 2020, p. 25). O fato de nascer com o sexo feminino não garante que mulheres sejam defensoras de políticas feministas. Desse modo, a mudança

de si mesmas é um elemento fundamental neste processo de conscientização. Este elemento é tratado de forma enfática em toda a obra de bell hooks. Diversas vezes a autora fala da importância de mulheres encontrar sua própria voz, interligando a escrita e a fala como aspectos que estão imbricados, assim, “antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas; precisávamos criar consciência” (HOOKS 2020, p. 25).

O processo de conscientização feminista revolucionária trouxe à tona a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação e os modos como ele poderia ser disseminado. A compressão da forma como este sistema de dominação masculina e o sexismo são expressos no cotidiano e na vida das mulheres tem possibilitado que elas reconheçam como têm sido vitimizadas e oprimidas em diferentes contextos e de distintas formas. bell hooks resgata que no início do movimento feminista contemporâneo, os grupos e conscientização foram espaços em que as mulheres puderam falar de si e criar estratégias de enfrentamento e transformação da realidade. Por meio desta conscientização estas mulheres puderam adquirir força para desafiar o patriarcado no trabalho e em casa.

No contexto da América Latina e Brasil recordamos que no período da década de 1970 e 1980, por exemplo, período marcado pela repressão e ditadura os grupos de mulheres reunidos e formados nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), movimento de mulheres negras foram espaços importantes de luta e conscientização. Nestes espaços, elas se reuniam para falar de suas realidades e reivindicar acesso aos mais diversos direitos.

A partir desta perspectiva do processo de conscientização, bell hooks aponta que a educação feminista para uma consciência crítica é urgente e necessária. Através dos grupos em distintos contextos, as mulheres foram as primeiras a começar a falar e a criar uma teoria feminista que analisava a realidade e buscava tecer estratégias de transformação. Aos poucos, o pensamento e a teoria feminista transmitida boca a boca e posteriormente publicada foram se tornando o local de disseminação do pensamento feminista.

Produzir um corpus de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo. Em todas as esferas da escrita literária e a bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. Notavelmente, quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição e currículos, muitos desses trabalhos esquecidos e ignorados foram redescobertos. A elaboração de programas de Estudos de Mulheres em faculdades e universidades proporcionou a legitimação institucional do foco acadêmico em trabalhos feitos por mulheres (HOOKS, 2020, p. 42).

O fortalecimento do movimento feminista, na perspectiva de bell hooks, se deu quando este encontrou seu caminho junto à academia. Ela recorda que quando era estudante de pós-graduação e se preparava para escrever sua dissertação, o pensamento feminista lhe permitiu escrever sobre a escritora negra Toni Morrison. Aos poucos o movimento feminista foi criando uma revolução ao exigir respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, o reconhecimento de trabalho de autoras negras e o fim dos preconceitos de gênero.

Para bell hooks, os movimentos feministas futuros precisam necessariamente pensar em educação feminista como elemento importante na vida de todas as pessoas. Para isso, é preciso compartilhar o pensamento feminista e suas práticas: “o conhecimento feminista é para todo mundo” (HOOKS, 2020, p. 48). Uma questão importante no movimento foi a diferença de classes e a maneira como isso divide as mulheres. Tal questão esteve presente mesmo antes de se

abordar raça. Segundo bell hooks, nos círculos de grupos de mulheres uma forma de separação explícita das mulheres se deu por meio das classes. As mulheres brancas da classe trabalhadoras começaram a reconhecer a presença de hierarquias de classes no movimento. A inserção da classe na pauta feminista possibilitou a abertura de espaços para as intersecções entre classe e raça. A raça foi, sobretudo, a intervenção que mais modificou o feminismo. Esta afirmativa no contexto norte americano encontra eco em outros contextos. No Brasil, por exemplo, foram as feministas negras as grandes responsáveis por apontar que para além de se falar em gênero era necessário e urgente falar de racismo e, sobretudo, sobre como as mulheres negras têm sido excluídas dos espaços e dos debates.

Construindo a própria VOZ: Por uma Educação Engajada e Emancipadora

*...e quando falamos temos medo
de nossas palavras não serem ouvidas
nem bem vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo
É melhor falar então
lembrando
sobreviver nunca foi nosso destino
Audre Lorde*

No encontro com a educação desde a perspectiva de Paulo Freire e em diálogo com uma proposta de pedagogia emancipatória e transformadora, aberta e atenta aos feminismos que tem sido construído na contemporaneidade encontro bell hooks, que se fundamentando em sua história de superação a partir de uma teoria libertadora e também dos escritos e encontros com Paulo Freire, entende que não existe separação entre teoria e prática. A autora nos conduz a percorrer caminhos onde nossas vozes possam ser ouvidas e escutadas.

bell hooks, feminista negra interseccional reivindica constantemente a teoria dentro do processo ativista e afirma que desde a infância se deveria aprender a importância do estudo, à vida do intelecto e buscar resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. A partir de sua experiência, ela mulher negra, aprendia que era necessária esta resistência, Em sua fala fica evidente o medo do pronunciamento: “pois muitas vezes pessoas negras são criadas para acreditar que há muitas coisas sobre as quais não se deve falar, nem no privado, nem no público” (HOOKS, 2019, p. 25). A pedagogia praticada por suas professoras, afirma ela, era sem dúvidas, uma “pedagogia de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (IDEM, 2013, p. 11). Ainda que, posteriormente, quando no processo do apartheid, frequenta outra “escola”, e descobre outro modelo de pedagogia, marcadamente “bancária”, considera que sua experiência anterior e a leitura de Paulo Freire são fundamentais no caminho de fortalecimento de sua “própria voz”.

Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para as escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação (FREIRE, ano, p. 13).

bell hooks apresenta em seus escritos como a necessidade de soltar a voz. Esta autora não fala apenas do silenciamento pelos quais as mulheres enfrentam no cotidiano, mas ainda, e, sobretudo, sobre as vozes que são pronunciadas, ela fala do “barulho” das mulheres de sua casa e do questionamento sobre o porquê em determinados ambientes este barulho deveria ser minado e silenciado.

Tendo crescido em uma família negra do sul dos Estados Unidos, de classe trabalhadora e dominada pelo pai, eu vivenciei (como aconteceu com minha mãe, minhas irmãs e meu irmão) diferentes graus de tirania patriarcal, e isso me deixou com raiva – deixou-nos todos com raiva. A raiva me fez questionar a política de dominação masculina e me permitiu resistir à socialização sexista. Frequentemente, as feministas brancas agem como se as mulheres negras não soubessem que a opressão machista existia até elas expressarem a visão feminista. Elas acreditam estar proporcionando às mulheres negras “a” análise e “o” programa de libertação. Não entendem, não conseguem sequer imaginar, que as negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações de opressão, muitas vezes adquirem uma consciência sobre a política patriarcal a partir de sua experiência de vida, da mesma forma com que desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não consigam resistir de forma sustentada e organizada) (HOOKS, 2015, p. 205).

Na perspectiva da educação como prática da liberdade o aprendizado é acessível a qualquer pessoa, ela é construída a partir da realidade e em movimento com a teoria. Bell hooks (2013) aponta que para além desta educação como prática da liberdade é necessária a construção de uma “pedagogia engajada”, e isto, explica a autora, “é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional” (HOOKS, 2013, p.28). A pedagogia engajada enfatiza também o bem-estar e isso significa que educadores e professores devem ter o compromisso ativo como um processo de autorealização. A pedagogia engajada, necessariamente, valoriza a expressão dos/as educandos/as e alunos/as.

O processo de construção da própria voz, no entendimento de bell hooks, significa falar, se ouvir, lançando-se para dentro e para fora, fazendo perguntas, participando das conversas, discursando. E assim, foi no contexto de comunidades negras nos Estados Unidos que ela envolve no mundo de “conversas barulhentas, palavras irritadas, mulheres com línguas rápidas e afiadas” (HOOKS, 2019, p. 33) que ela fazia seu direito à palavra, o direito à voz. A escrita foi um lugar e maneira de capturar a fala, por isso, conta a autora que “escrevia os pedacinhos das conversas, fazendo confissões a diários baratos que logo caíam aos pedaços de tanto serem manuseados” (p. 33). No caminho de sua escrita escolhe o pseudônimo bell hooks (nome de sua bisavó) para construir sua identidade-escritora na busca de desafiar e dominar todos os impulsos que a levassem para longe da fala.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e luta lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta (HOOKS, 2019, p. 38-39).

O entendimento de uma educação engajada e emancipadora que tem como referência o pensamento de bell hooks e Paulo Freire apostam na construção de uma educação humanista – antirracista, anti-homofóbica, etc. – que seja capaz de reconhecer as peculiaridades das pessoas e as valorizem como sujeitos históricos. Freire (2000) aponta que a denúncia e o anúncio,

por exemplo, são neste processo de leitura do mundo a origem do sonho pelo qual lutamos. Assim, uma pedagogia emancipadora e libertadora traz como tarefa primordial a importância de se trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação de realidades injustas.

bell hooks (2018) aponta que a proposta de uma pedagogia feminista tem sido a de encontrar a voz, ou seja, o de fazer a transição do silêncio para a fala como um gesto revolucionário. Esta autora enfatiza que esta ideia de encontrar a voz ou ter uma voz assume primazia na fala, nos discursos, na escrita e na ação. É uma metáfora de autotransformação. Assim: “Falar e tornar tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar” (HOOKS, p. 45). Comecei a observar neste momento de muitas falas que estas mulheres, Eliana e as outras trabalhadoras sexuais que escutava por meio das redes sociais reivindicavam o seu direito de mulheres nesta sociedade assim como o direito de dignidade e vida aos seus filhos e filhas. Em nenhuma das conversas passou despercebido o fato de terem “crias” sob suas responsabilidades e a angústia em saber o que de fato poderiam fazer, inventar ou reinventar nestes tempos. Algumas começaram a utilizar de outras tecnologias para acessar os clientes e manter de alguma forma a renda de suas famílias.

A fala destas mulheres é, sem dúvida, um ato de resistência. Na perspectiva de bell hooks (2018), falar como ato de resistência é bem diferente de uma conversa corriqueira, ou da confissão pessoal que não tem nenhuma relação com alcançar consciência política, desenvolver consciência crítica. A esse processo, a autora denomina de apropriação marginal, ou seja,

A luta por acabar com a dominação, a luta individual para se opor à colonização, deslocar-se de objeto para sujeito, expressa-se no esforço de estabelecer uma voz libertadora – aquela maneira de falar que não é mais determinada por sua posição como objeto, como ser oprimido, mas caracterizada pela oposição, pela resistência (HOOKS, 2020, p. 48).

Encontrar a voz é parte fundamental no processo de luta libertadora. E certamente, esta é uma das dimensões que mais pude perceber no processo de construção desta pesquisa: mulheres encontrando sua própria voz e na medida em que o fazem fortalecer suas filhas, principalmente, a encontrar sua própria voz. Encontrar a voz significa romper com o silêncio e quando acabamos com o silêncio, quando falamos com voz libertadora, afirma hooks, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que viva em silêncio em qualquer lugar. Assim, “é nossa responsabilidade, coletiva e individual, distinguir entre mera fala de autoexaltação, de exploração do exótico “outro”, e aquele encontro da voz que é um gesto de resistência, uma afirmação de luta” (HOOKS, 2020, p. 55).

Considerações finais: sobre as contribuições do pensamento de bell hooks

*Enquanto não consegui fazer minha voz ser ouvida,
não consegui pertencer verdadeiramente ao movimento.*

*Antes de exigir que os outros me ouvissem,
precisei ouvir a mim mesma,
para descobrir minha identidade. bell hooks*

O presente artigo teve como objetivo apontar algumas contribuições do pensamento de bell hooks para se pensar educação, gênero e relações étnico raciais. Para tal, ancoramos nossa reflexão, sobretudo, nas obras: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, *O feminismo é para todo mundo* e *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Em ambas as obras a autora apresenta aspectos de sua trajetória e narra convocando a construção de uma educação engajada e emancipadora, ora falando como estudante, ora como professora, ou ainda como mulher negra e feminista. Neste movimento evoca alguns dos temas centrais de suas obras e nos faz pensar sobre os sistemas de opressão e como estes estão interligados: a supremacia branca, o patriarcado e o capitalismo.

Da primeira obra aqui citada, *Ensinando a transgredir...*, destacamos a importância da educação como prática da liberdade. Retomando e aprofundando o pensamento de Paulo Freire, bell hooks delinea uma pedagogia engajada que é promotora de uma educação para a libertação e para tal é necessário romper e ao mesmo tempo propor outros modos de construir o espaço da sala de aula. É preciso deixar os modos tradicionais que muitas vezes tem silenciado as vozes dos estudantes.

A segunda obra: *o feminismo é pra todo mundo* é um convite a assumir o feminismo como teoria e prática de inclusão e para isso, refletir sobre sua historicidade e os caminhos que foram sendo trilhados implica em captar os modos como mulheres brancas e mulheres negras foram reivindicando espaços. A categoria de gênero e a luta pelos direitos das mulheres na medida em que foi se abrindo e rompendo com as contradições trouxe a discussão acerca da raça e do racismo. O feminismo é pra todo mundo é um convite à diversidade e a diferença, um chamado ao rompimento com epistemologias hegemônicas, é um impulso a olhar as diversas vozes. Neste cenário, a própria bell hooks tem se colocado com uma voz dissidente, uma destas vozes que foram silenciadas e assumem um pensamento crítico tornando-se provocadora e transformadora.

A partir de então, o encontro com a terceira obra: *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* tem o propósito de nos colocar diante de um paradoxo interessante: para pensar a educação a partir do feminismo será necessário e urgente encontrar a própria voz. O encontro com nossas vozes que foram silenciadas significa trazer à vista as vozes marginais. Desse modo, pensar a educação, o gênero e as relações étnico-raciais na contemporaneidade, desde o pensamento de bell hooks, implica interligar estas categorias e correlacioná-las a partir das experiências e da promoção de construção da própria voz.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras*. 10. Ed. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Rev. Bras. Ciênc. Polít. n.16 Brasília Jan./Apr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193. Acesso em: 20 jun. de 2020.